



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 1 | JAN-MAR 2020

EUCLIDES DA CUNHA: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE O PAÍS



EUCLIDES DA CUNHA: A CRITICAL LOOK ON THE COUNTRY

VALDEMAR VALENTE JUNIOR
UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 15/09/2019 ● APROVADO EM 10/12/2019

Abstract

The present article aims to bring to light the debate the meaning of *Os sertões*, by Euclides da Cunha, as a work that competes against the background of the process of modernization of Brazil at the beginning of the 20th century.

When evidencing the effect of what represented the War of Canudos, in view of the republican position of combat against the opposition of the monarchist ideals, Euclides da Cunha denounces the uneven conditions of survival of the Northeastern people, in addition to what was marked as a result of the massacre of the military forces against the population of Canudos.

Resumo



O presente artigo tem por objetivo trazer à luz do debate o significado de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, como obra que concorre a contrapelo do processo de modernização do Brasil no início do século XX. Ao evidenciar os efeitos do que representou a Guerra de Canudos, em vista da posição republicana de combate à contraposição dos ideais monarquistas, Euclides da Cunha denuncia as condições desiguais de sobrevivência do povo nordestino, além do que ficou marcado como resultado do massacre das forças militares contra a população de Canudos.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Armed conflict. Political conjuncture. Social narrative. Republicanism.

PALAVRAS-CHAVE: Conflito armado. Conjuntura política. Narrativa social. Republicanismo.

Texto integral

INTRODUÇÃO

A publicação de *Os sertões* (1902) suscita a revelação de um Brasil desconhecido dos brasileiros, na medida em que a Guerra de Canudos traz à luz a fragilidade do sistema republicano e sua incapacidade de poder lidar com as demandas que se fazem presentes sem ter que lançar mão da força desmedida que marca a atuação militar nesse foco de tensão. A paranoia contrarrevolucionária que afeta as hostes do regime vigente enxerga no grupo liderado por Antônio Conselheiro um núcleo de resistência capaz de concorrer como ponto de desestabilização, a exemplo da Revolta da Armada, do mesmo modo reprimida pelo governo republicano com extrema crueldade. Diante disso, a Guerra de Canudos pode colocar em xeque a desigualdade social tendo como exemplo o sertão baiano, território que contraria em sua visão de realidade o gigantismo alienado e a idealização de um povo ordeiro e tutelado que vive em paz e harmonia. Assim, o conflito armado concorre para que se aprofunde ainda mais a observação acerca da situação de um país agrário, de economia dependente e estrutura arcaica, às voltas com a urgência em inserir-se na ordem do capitalismo moderno, mesmo em condições de extrema desvantagem econômica e desigualdade social.

Por essa via, Euclides da Cunha opera um recorte específico, no que tange a questões até então negligenciadas pela narrativa, bem como pelas ações de natureza prática, em vista do descaso que se abate sobre as populações secularmente desassistidas, vítimas da incúria de regimes políticos e sistemas de

administração obsoletos. Diante disso, a condição de atraso de um país que abre mão de sua importância no contexto do mundo tende a importar como sucedâneo elementos em desuso na Europa. Assim, o esforço republicano resulta em malogro, uma vez que o país não consegue acompanhar *pari passu* a dinâmica em expansão do desenvolvimento industrial que se efetiva no mundo desenvolvido. O que resta disso representa o lugar do atraso social decorrente da absoluta falta de perspectivas de uma sociedade à margem do processo produtivo em virtude da inércia que domina o pensamento da classe dirigente. Esse descompasso acentua-se a partir da extinção do trabalho escravo, na medida em que a essa postura não se segue nenhuma política de inserção social que garanta a ascensão dos escravos à condição de cidadãos livres. No que tange às populações confinadas ao território da seca e da fome, do mesmo modo, a falta de políticas eficazes, além da dominação exercida pelos donos da terra, concorrem para que a situação de penúria se perpetue.

Na condição de quem se propõe a revelar a realidade até então escondida sob a capa de uma estética que se remete ao período clássico, Euclides da Cunha consegue efetivar em *Os sertões* uma espécie de projeção do real a um plano nunca visto anteriormente, aprofundando a visão acerca das condições que condenam o homem a não poder libertar-se do determinismo social que o aprisiona. Por esse meio, sua obra mais significativa concorre para que possa ser desvelada a condição de um país que não conhece a si mesmo, ao tempo em que tem urgência em promover meios que se façam capazes de removê-lo do atraso que o condena. A publicação de *Os sertões* representa a afirmação de uma obra definitiva a partir do enfoque diferenciado que a induz a percorrer o universo de situações completamente estranhas ao lugar-comum de um sertão observado pela lente de um projeto ficcional que o amplia ao ponto de hiperbolizar o que é de seu interesse. Euclides da Cunha, por sua vez, promove o inventário de elementos referentes à terra e ao homem que nela habita como resposta às sucessivas imagens de um sertão cuja fatura indica a ausência de uma consciência crítica capaz de dar conta do conflito social que se faz necessário aprofundar como leitura do país em processo de transformação.

Na verdade, a observação *in loco* que dá origem a *Os sertões* decorre da ida de Euclides da Cunha ao sertão baiano, na condição de enviado do jornal O Estado de São Paulo, como responsável pela cobertura do conflito armado. A partir desse evento, sua observação arregimenta informações que o fazem refletir acerca da realidade da terra e do homem como fatores diferenciados da opinião que circula nos meios urbanos que em nada se aproxima de como o sertão se faz representar em seu estado de abandono e degradação. A mudança de opinião de Euclides da Cunha sugere ser *Os sertões* uma obra de valor essencial em sua condição pioneira, uma vez que se configura como alternativa crítica ao reiterado apelo da narrativa de perfil grandioso e redentor que predomina. Assim, sua produção acaba por indicar o modo através do qual o país busca inserir-se na dinâmica do século XX tendo em vista a desconstrução de modelos que reduplicam formas reiteradamente esgotadas de narrar a aventura humana a partir de um recorte ideal de como gostaríamos de ser. A distância que separa o sertão da cidade consigna o preenchimento de uma lacuna pela qual a saga de Antônio Conselheiro

torna-se responsável. Por esse meio, a história de nossas letras enriquece seu repertório, a partir de um exemplo que acresce à literatura a observação de quem passa a enxergar o sertão em detrimento da cidade.

Em vista disso, Euclides da Cunha passa a ocupar uma posição contrária ao fluxo de ideias de seu tempo, discrepando da maioria dos seus pares, seguidores da ordem de um discurso que se afirma no âmbito de um artificialismo que despreza o enfoque acerca do que penaliza a população excluída. Desse modo, *Os sertões* inaugura um modelo de pensamento a respeito dos problemas brasileiros, o que teria sequência com a contribuição de outros pensadores que ajudam a construir um *corpus* de observação dos dilemas do país. Essa pretensão acaba por esbarrar na desigualdade de uma sociedade agrária em um país exportador de matérias primas que há muito pouco tempo abolira o trabalho escravo. Por essa via, as contradições do Brasil podem ser melhor entendidas, na medida em que Euclides da Cunha estabelece um limite capaz de detectar no Arraial de Canudos o ponto crucial de uma tragédia que dizima muitas vidas. Assim, os ecos desse evento repercutem de modo a reconfigurar a posição tradicional do pensamento brasileiro acerca dos destinos do país. Ainda que recorra a uma linguagem que não tem como integrar-se ao fluxo de renovação que teria lugar mais tarde, como evento modernista, sua contribuição incide na desconstrução de modelos que dão espaço aos sem voz.

Em *Os sertões* considera-se a forma através da qual a sociedade desqualifica o homem do campo, a partir de uma distância significativa com relação a suas reivindicações mais legítimas. A Guerra de Canudos se constitui em acontecimento marcado pelo preconceito que na Capital Federal, como em parte das cidades litorâneas, distanciadas do foco do conflito, assume o viés de uma crítica esvaziada do sentido de realidade. A isso corresponde uma espécie de materialização desse evento relacionado apenas às manifestações de um fanatismo que, de modo pleno, não se configura no cerne do debate acerca do drama do sertanejo e do desejo de gerir por conta própria o seu destino. Diante disso, Euclides da Cunha contribui decisivamente para que se efetive uma outra possibilidade de leitura acerca do sertão, quase sempre refém do pensamento maniqueísta que o coloca em um lugar para o qual não há como escapar do determinismo que o condena. A situação a que a terra e o homem são condenados concorre para que *Os sertões* promova um inventário das vicissitudes que se impõem aos que vivem longe dos centros urbanos onde a diferença de expectativas se notabiliza de modo incontestável.

A AVENTURA HUMANA

O conflito que se estabelece no sertão baiano, na última década do século XIX, capitaliza a atenção da opinião pública para a dimensão da crise política que se faz notar, em vista do que representa o malogro na economia. A Guerra de Canudos desloca o eixo das atenções para um foco que potencializa a suposta reação contra a República como uma cortina de fumaça que serve para encobrir uma outra ordem de acontecimentos. Esse conflito evidencia elementos até então inusitados, no que se refere à distância que inviabiliza a visão de um Brasil longe do palco das

decisões oficiais. Desse modo, tem-se quase sempre uma imagem ideal do sertão, perpassada pelo que a narrativa consegue filtrar, no sentido das marcas de representação que traduzem as expectativas de um leitor distanciado que se contenta com as expressões de uma região povoada de lendas e mitos que distorcem a realidade da terra e as condições do homem em nome do impacto ou do abrandamento que isso possa vir a causar. *Os sertões*, portanto, irá promover um inventário acerca da terra e do homem como até então nada lhe consegue ombrear.

A saga dos conselheiristas passa a ocupar um lugar pouco provável, na linha limítrofe entre a narrativa e a historiografia, na medida em que a obra máxima de Euclides da Cunha, em ambas as possibilidades, concorre para contrapor a visão idealizada, tanto pela subjetividade romântica quanto pela distorção naturalista, dando margem à observação original que se inaugura. Daí as formas da narrativa trazidas por Euclides da Cunha povoarem a imaginação do público e da crítica a partir dos sintomas de uma sociedade em processo de transformação, não cabendo mais a convivência com um universo que lhe sirva apenas para minimizar o que se mostra oportuno. “De Canudos enviaria as reportagens mais importantes, pois que escritas à vista das batalhas, sob o troar da metralha e o silvo dos projéteis que sobrevoam sua tenda”. (GALVÃO, 2009, p. 186). Assim, *Os sertões* cumpre a tarefa de descaracterizar a alegoria de um país que enxerga nas populações pobres do interior a imagem de uma submissão que nesse momento mostra-se contrária à previsão dos subalternos sob domínio das classes dirigentes. A reação orquestrada pelas forças do governo contra os adeptos de Antônio Conselheiro encontra uma resistência que se mostra imprevista, haja vista a estruturação de um sistema de defesa que faz com que o Arraial de Canudos lute até o fim.

Nesse ponto, a observação de Euclides da Cunha em *Os sertões* assume a via de um discurso que, mesmo que reitere uma escrita impostada como marca desse tempo, tem o mérito de seguir o caminho contrário de uma retórica de reduplicação que encontra referência na cultura clássica que despreza a relação da narrativa com a realidade social. A aventura humana amplia seu halo de identificação para além do permitido, configurando os sintomas da crise republicana a partir de um plano de aprofundamento que difere do idealismo bem-intencionado das narrativas que tomam por empréstimo o cenário de um sertão distanciado de seu sentido de realidade. Desse modo, *Os sertões* assume a condição de narrativa que desperta sucessivos sentidos, através dos quais seu interesse permanece vivo para além dos sintomas pitorescos que prevalecem como receita no meio literário. O sertão configura-se até então na hipérbole inóspita de uma natureza agreste que se alia ao destemor do homem como referência de uma adaptação que se mostra precária, a isso sendo acrescido um espaço que idealiza a própria condição adversa.

Por sua vez, *Os sertões* percorre o caminho oposto à voga regionalista ao agregar ao debate o que representa o lugar ocupado pelo sertanejo no plano de uma história de que se faz protagonista. Os adeptos de Antônio Conselheiro apresentam-se como personagens dessa saga, contribuindo para que, no texto de Euclides da Cunha, constitua-se um espaço destinado ao exercício da crítica ao sistema, do mesmo modo que ao abismo que separa o sertão do litoral. A isso se

acrescentam observações de que a narrativa se utiliza para marcar essa distinção entre territórios. Assim, a configuração do sertão como um núcleo de onde emanam elementos relativos à diferença entre realidades dentro de um mesmo país situa-se como ponto de destaque, o que destoa da forma como as populações que vivem fora do eixo das decisões políticas do país, distantes da Capital Federal, serão observadas. “Neste sentido, é com Euclides que se perfaz aquela revelação intelectual e afetiva do sertão, do Brasil oculto e verdadeiro”. (MERQUIOR, 1977, 196). Por esse meio, *Os sertões* difere da visão estereotipada de *Sertão*, de Coelho Neto. Nessa coletânea, um de seus contos mais emblemáticos dá conta dos escravos ressentindo-se do fim do cativo e da ascensão republicana, na medida em que a chegada ao país de contingentes de mão de obra estrangeira concorre para que a extinção do trabalho escravo não resulte em medida de cunho eficaz.

Por sua vez, o amálgama racial que dá origem ao sertanejo encontra no relato de Euclides da Cunha uma explicação que sugere a formulação de um pensamento que se corporifica, permanecendo como um sinal importante, em meio ao elenco de privações que se impõem como marcas distintivas de sua presença. Por esse meio, Euclides da Cunha mostra-se fiel ao material de que dispõe, recorrendo a elementos de valor telúrico que se integram à proposta que defende, ao afastar-se do cientificismo que vigora no meio literário. Sua posição, portanto, contraria o aspecto decorativo de uma literatura de salão que se presta ao deleite dos que não sabem o que representa colocar-se no lugar do outro. O sertão baiano, a partir da penúria que compromete a integridade de seu povo, corresponde a um espaço que se presta à reflexão como um microcosmo que potencializa a dimensão de seus problemas. O recorte empreendido por Euclides da Cunha tende a agravar um conflito que se transfere para outros tópicos do debate acerca do quadro social do país. A diferença fundamental para a qual *Os sertões* contribui resulta de um plano de observação e aprofundamento da crítica acerca do que deve ser pensado a respeito do país, tendo em vista o descompasso como sinal da injustiça social que se perpetua.

Assim, *Os sertões* aproxima-se de elementos que entram para a história, em vista da manifestação épica que se caracteriza em seu escopo. Diante da representação de um espaço que se precariza por via dos efeitos do conflito armado, o Arraial de Canudos passa a repercutir como cenário para onde convergem as expectativas do país, uma vez que o massacre que o vitima passa à condição de referência a outros pontos do país onde a insatisfação com o sistema tenha efeito. Desse modo, a posição de Euclides da Cunha confronta-se à consolidação de máxima acerca de um lugar ideal para enfatizar a distorção social que se aprofunda como registro de diferentes formas de se poder enxergar o mesmo país. “A literatura brasileira distingue-se também por isso, por poder propor, ao lado das epopeias hasteadas por outras “nações”, esta sua grandiosa epopeia negativa, terminada secamente, após o descer do pano final, por duas linhas de comentário. (STEGAGNO-PICCHIO, 2004, p. 401). As diferenças sociais dão margem a que Euclides da Cunha revele um ponto de observação para o qual parte expressiva de sua geração parece virar as costas. Daí a singularidade de *Os sertões* efetivar um movimento de sentido oposto, uma vez que seu escopo observa o país a partir de um olhar que se posiciona de frente para o que se constitui em

grave problema. Assim, a dimensão crítica do que observa interfere de modo decisivo não apenas como assunto, mas do mesmo por criar um desconforto difícil de ser solucionado.

VISÃO DO MASSACRE

O lugar incômodo representado pelo movimento em torno de Antônio Conselheiro e seus adeptos, a partir do instante em que sua atuação passa a se constituir em estorvo, se faz capaz de mobilizar tropas federais investidas de combater esse possível foco de resistência ao regime. O envio de tropas ao cenário do conflito dá conta do que esse evento representa, na medida em que a imagem da República passa a ser exposta ante o desafio do que lhe possa vir a dificultar os planos. Nesse contexto, Euclides da Cunha remete o leitor atento a uma desproporção das forças, no que tange à superação ao limite a que os conselheiristas se expõem, em nome de uma utopia social que vai de encontro aos interesses dos positivistas que contam com o apoio da Maçonaria. Assim, ao suposto fanatismo dos conselheiristas corresponde o fanatismo das armas de guerra e dos contingentes militares que para o sertão baiano se deslocam com a intenção de dizimar o que se transformou em resistência, uma vez que a luta prossegue até chegar ao colapso total. Ainda que as tropas federais tenham sofrido seguidas derrotas, a iminência da vitória final anuncia-se de modo absoluto, na medida em que esse embate estabelece uma medição de forças desiguais. Aos conselheiristas corresponde o conhecimento do território onde se dão os confrontos, mas às tropas federais sobram armas e homens que acabam por impor a destruição do arraial.

A violência contra o que representa a comunidade que cresce sob a liderança de Antônio Conselheiro corresponde ao surto de nacionalismo alegórico que passa a ter efeito com o advento republicano. O mesmo despautério teria ocorrido por ocasião da Revolta da Armada, anos antes, que mesmo em dimensões menores, resultou no massacre das forças contrárias ao governo, sufocadas com requintes de crueldade. Diante disso, fica patenteada a posição que Euclides da Cunha assume diante do poder republicano, uma vez que sua condição de dissidente o faz aprofundar ainda mais o abismo que o separa das investidas do regime contra os interesses da população desassistida em suas pretensões. “Por que os canudenses foram perseguidos? Em última instância por não se adequarem à ordem coronelística estabelecida, aceita pelas elites, por mais esclarecidas e civilizadas que se considerassem”. (ZILLY, 2002, p. 343). A publicação de *Os sertões* confirma seu ponto de vista diante do que representa esse impasse, se for medida a carga de opróbrio despejada na ação contra Antônio Conselheiro e seus adeptos. As manifestações de apoio popular aos ataques que dizimam o Arraial de Canudos decorrem de uma propaganda de cunho moral que acusa os conselheiristas de heresia, apelando para o espírito cristão da população que enxerga na desproporção desse combate a medição de forças entre o bem e o mal. Euclides da Cunha, por sua vez, contraria a opinião predominante, contribuindo para que acerca desse equívoco não paire qualquer sombra de dúvida.

A Guerra de Canudos catalisa para o âmbito da conjuntura política as contradições de um sistema que não contempla a supressão de desigualdades, servindo como sinal de alerta diante da supremacia irrestrita de que se investe a República. Na condição de evento que agrega em si um enorme mal-estar, sua condição injustificável concorre para que o regime relativize seu poder, uma vez que a propaganda negativa contra a Guerra de Canudos se incorpora como registro inequívoco, contrariando o sentido épico alardeado pelo governo. Por sua vez, a ação reprovável concorre para que *Os sertões* possa assumir um significado que denota a insatisfação de setores da sociedade com os descaminhos da República, tendo em Euclides da Cunha uma representação desse sentimento. A desigualdade social como registro de situações insolúveis constitui-se no legado de que Euclides da Cunha se faz o porta-voz. Por esse meio, as atrocidades a que sua obra traz à luz apontam para o despreparo das hostes governamentais em buscar uma solução negociada, uma vez que o conflito se impõe como uma manifestação da força militar.

A *Os sertões* cabe o papel de inserir-se como parte integrante do debate que visa a ampliação da possibilidade de se reconhecer o lugar do Brasil, em vista do emaranhado de contradições que afloram como consequência de sucessivos equívocos. No rol desses fatos, a intolerância aparece com destaque, aprofundando a separação entre classes, uma vez que a Guerra de Canudos instaura uma cisão que elimina a possibilidade de um pacto social que não tem como cumprir-se. Na verdade, a dívida social que se acumula desde a Guerra do Paraguai perpassa a Abolição da Escravatura sem que se faça cumprir um plano de efetivação da cidadania que possa resgatar a dignidade dos ex-escravos. “Outro traço de permanência é o da violência preponderante nas relações sociais, em particular nas relações do Estado com os despossuídos”. (HARDMAN, 1997, p. 59). Diante disso, o acúmulo de situações pendentes concorre para que a legião de deserdados do regime político seja vista sob o olhar de quem não tem a menor ideia de como solucionar essa pendência. Na falta de sugestões eficazes que retirem as pessoas da condição de penúria onde se encontram, apela-se para o exercício da força, o que se faz visível nas políticas de repressão, sejam na cidade, onde os ex-escravos perambulam sem perspectivas de trabalho, sejam no campo, onde do mesmo modo vaga uma gente tangida, sem oportunidades, a partir do momento em que a República se mostra excludente em seu projeto.

Por conta disso, o massacre ao Arraial de Canudos pode representar um tiro de misericórdia disparado contra quem, a exemplo da horda de excluídos da República, significa uma ameaça à estabilidade do regime. Antônio Conselheiro e seus adeptos sintetizam a inconformidade que predomina como expressão das vontades reprimidas que não encontram espaços de atuação. As diretrizes assumidas pela República, com a deposição da Monarquia, visam atender os interesses das oligarquias rurais que se ressentem com o fim da escravidão, do mesmo modo que ajudam a agravar a política fundiária, contrariando a vontade das populações do sertão. Diante desse quadro, a situação envolvendo a divisão de terras ameaça os interesses do governo, para quem a questão agrária se constitui em caso de polícia. O lugar do homem do campo na sociedade apresenta-se como resultado de uma crise de proporções bem mais amplas, se for pensado o tributo

cobrado às populações mais pobres. Assim, percebe-se de que modo a ação das elites concorre para que se mantenham privilégios que se afastam das aspirações do povo. Nesse contexto, a Guerra de Canudos denuncia o nível de irresolução das situações no limite de uma desigualdade a que a sociedade contempla.

Diante disso, o massacre contra Antônio Conselheiro e seus seguidores resulta em um engano sem proporções, uma vez que a isso não se segue nenhuma forma de se reparar o dano causado pela guerra com ações de ordem social que minorem a situação da seca e da divisão desigual da terra. Os problemas continuam a ser os mesmos, não obstante a investida oficial na região, que somente se faz representar pela força das armas. A Guerra de Canudos abre espaços a diferentes indagações acerca de situações presentes que se expandem na direção do futuro, apontando as desigualdades do país, a partir desse episódio como meio de potencializar a desequilíbrio social. Assim, não resta senão a confirmação da inoperância de um sistema que se atém às obras que lhe oferecem visibilidade, deixando de atender às demandas sociais que se fazem prementes. A crise política aponta para situações que se mostram insolúveis, em vista do descaso com que o governo republicano trata as reivindicações dos excluídos, apartando-se do compromisso de dar um encaminhamento aos temas pendentes. “Euclides da Cunha, a essa altura, estava desiludido do regime que ajudara a forjar.”. (SODRÉ, 1995, p. 27). As promessas não cumpridas que se agregam à plataforma republicana têm como resultado o esvaziamento de um sistema de fachada que se apoia em elementos artificiais.

O DESCOMPASSO DO SISTEMA

O mal-estar decorrente da Guerra de Canudos encontra em *Os sertões* sua confirmação, na medida em que a isso se acrescenta a mudança de visão que em Euclides da Cunha serve para agravar ainda mais sua opinião acerca dos descaminhos do pensamento que se faz presente com a República. A desigualdade social que tem no fim da escravidão um fator de desestabilização, em face da ausência de medidas efetivas de inserção dos libertos, amplia seu halo de atuação na direção de uma gama de excluídos que não encontra um paradeiro. Diante disso, evidencia-se a completa inércia de um sistema de afogadilho que toma de assalto o poder sem saber ao certo que rumo seguir. Os destinos da República podem ter na Guerra de Canudos a constatação de um estado de coisas que se prolonga, uma vez que não existe nenhuma perspectiva de mudança que ajude a resgatar os desassistidos do lugar onde cronicamente a exclusão os coloca. As demandas negativas, no sentido do descumprimento de pendências que se eternizam, são como hábitos herdados que remetem ao atraso de que o país é vítima.

Daí *Os sertões* poder indicar o agravamento da situação brasileira, em vista do nível de irresolução de situações que esbarram na incúria que se alia ao corporativismo das oligarquias atreladas ao poder. O sertão baiano configura-se como cenário de ação de uma epopeia cujos heróis são dizimados pela truculência de um regime que tem no uso da força o principal argumento, na medida em que os erros que acumula concorrem para depreciá-lo diante do pensamento crítico que

passa a ter lugar. *Os sertões*, portanto, confirma, a partir do crescente desgaste republicano, a inadequação do que o sistema político pensa possuir valor, reproduzindo um receituário de normas antidemocráticas que confirmam sua ineficácia sem atender às sucessivas demandas sociais que se acumulam. “Para Euclides, o republicanismo não quer dizer apenas o repúdio às formas autoritárias do Império. Ele significa a abolição da escravatura, relações de trabalho mais honestas – indo até aderir ao socialismo – uma renovação radical da sociedade”. (RIBEIRO, 1997, p. 12). Mas ainda, evidencia-se um hiato que separa a dinâmica do mundo em expansão, a partir do prodígio da técnica como motor dos novos tempos, da aplicação de uma política retrógrada, baseada nas formas do Positivismo reduplicado e sem crítica que predomina como tábula rasa nos diversos setores da atividade política. A condição de desigualdade que se apresenta como tema em *Os sertões* propicia a súbita mudança de leitura acerca do país, quando se instaura um olhar diferente do que alardeia a propaganda oficial.

A sequência dos fatos narrados por Euclides da Cunha configura o lugar do sertão baiano como divisão diante do que representa a Capital Federal em sua condição de centro cosmopolita. Os desdobramentos da Guerra de Canudos acompanham o agravamento da posição de Euclides da Cunha que, na condição de engenheiro, percorre o interior do país enxergando de perto as condições de pontos em contraste com a situação litorânea. Essa disparidade faz com que o escritor conceba diferenças que desse momento em diante se fazem fundamentais à formulação de um pensamento crítico que passa a ter lugar no transcurso do século XX. Por esse meio, *Os sertões* possui o mérito de deflagrar questionamentos acerca da situação do país. A isso acrescenta-se a abertura do inventário a respeito dos desdobramentos que culminam na revelação do Brasil, a partir do primado da literatura moderna. Há que ser pensado o fato de que Euclides da Cunha tem como referência um universo de informações que faz parte de uma ordem de pensamento presa aos conceitos do século XIX. No entanto, a projeção da obra que elabora estende-se à formação de uma ideia do Brasil que confronta as imagens do atraso absoluto às do progresso incipiente.

O sistema político colabora para que *Os sertões* pontifique como obra singular, na medida em que se faz urgente a caracterização de um *corpus* das causas de interesse da sociedade. A formulação de um pensamento crítico deflagra a organização de diferentes instâncias do pensamento em escaninhos que possibilitam ser cada tema uma indicação para a qual cabe um tratamento específico. No que se refere à Guerra de Canudos, a denúncia acerca dessa ignominia encontra seu teor representativo em *Os sertões*, indicando o desajuste das ações políticas que têm efeito no transcurso da Primeira República. “O dado mais característico e saliente da maneira pela qual Euclides da Cunha encarava a cena social de seus dias era sua convicção de que assistia a um completo espetáculo de inversão de valores e de papéis no interior da sociedade”. (SEVCENKO, 1999, p. 146). O confronto de propostas que se intensifica a partir dessa obra corporifica a desigualdade e a injustiça social como itens que não têm como serem superados. Isso deve-se à condição desviante de um programa que não atende às demandas da população por encontrar-se atrelado aos interesses de uma minoria que lhe serve de anteparo. As injunções do sistema obedecem a

causas específicas, no que tange à configuração de grupos que visam o atendimento de propostas de cunho pessoal. O arrivismo da classe política alçada ao poder pela República destoa de qualquer leitura crítica que se possa fazer acerca do país.

A presença de *Os sertões* como obra relacionada à discussão dos aspectos de uma brasilidade que se apresenta como dilema aponta para questões que ficam a dever uma resposta, na medida em que o país não se torna capaz de agenciar as transformações que lhes são necessárias. A capacidade de se pensar a respeito de um território tão vasto parece privilégio de poucos, cabendo a Euclides da Cunha a missão de promover um determinado tipo de reflexão que faz com que sua obra denuncie o descompasso iminente de um país que não tem como dar conta das questões sociais que se apresentam. A problematização do dilema brasileiro incita à sugestão acerca de lugares diferentes que destoam por completo do ambiente artificialmente afrancesado que predomina no Rio de Janeiro, na busca por uma solução compensatória para suas pendências de âmbito social. O desvio que se faz notar na rota dos acontecimentos de ordem política induz a República a uma sucessão de descaminhos que ocorrem como termo agravador de questões que implicam na forma através da qual o país é obrigado a atender a seus problemas de origem mais remota. Desse modo, a continuidade do atraso agrega-se às situações presentes sem que haja um termo satisfatório.

Os sertões, portanto, concorre para que a criação literária receba o incremento de uma visão social que serve para aprofundar o nível de debate que antes parece não existir. “Há uma paixão do real em *Os sertões* que transborda dos quadros de seu pensamento classificador; e uma paixão da palavra que dá concretíssimos relevos aos momentos mais áridos da sua engenharia social”. (BOSI, 2007, p. 308). A condição do que busca trazer à tona incide na caracterização do sistema como instrumento do poder de barganha das oligarquias insatisfeitas, o que concorre para que a plataforma defendida pelos liberais signifique um grave retrocesso e o sonho republicano converta-se em pesadelo que assume a dimensão de um golpe de estado. A Guerra de Canudos repercute como acontecimento capaz de provocar uma rasura considerável na forma como o poder republicano passa a ser visto pelo conjunto sociedade, em decorrência da tentativa de serem minorados os danos do que esse evento representa do ponto de vista político. Os desdobramentos dessa crise concorrem para que ao seu desgaste se some o malogro econômico que obriga o país a renegociar em profunda desvantagem empréstimos contraídos junto a bancos internacionais, agravando uma situação de dependência que parece não ter fim.

Referências

- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *Euclidiana: ensaios sobre Euclides da Cunha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HARDMAN, Francisco Foot. Tróia de taipa: de como Canudos queima aqui. In: ABDLA JUNIOR, Benjamin; ALEXANDRE, I. M. M. (Orgs.). **Canudos: palavra de Deus, sonho da terra**. São Paulo: Editora Senac, Boitempo Editorial, 1997, p. 57-64.

MERQUIOR, José Guilherme. **De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

RIBEIRO, Renato Janine. O sertão virou mar ou O rebaixamento do que se eleva. In: ABDLA JUNIOR, Benjamin; ALEXANDRE, I. M. M. (Orgs.). **Canudos: palavra de Deus, sonho da terra**. São Paulo: Editora Senac, Boitempo Editorial, 1997, p. 11-17.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. Revisão de Euclides da Cunha. In: COUTINHO, Afrânio. (Org.). **Euclides da Cunha: obra completa**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 11-59.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

ZILLY, Berthold. Uma construção simbólica da nacionalidade num mundo transnacional. In: **Cadernos de literatura: Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2002, n. 13 e 14, p. 340-359.

Para citar este artigo

VALENTE JÚNIOR, V. Euclides da Cunha: um olhar crítico sobre o país. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9., n. 1., 2020, p. 67-78.

O Autor

Valdemar Valente Junior é doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Pós-Doutor em Literatura Brasileira pela UERJ. Professor da Universidade Estácio de Sá.